

KARLIK

ENCONTROS COM UM SER ELEMENTAL

Ursula Burkhard

Título do original:
Begegnungen mit Einem Elementarwesen
5. Auflage Dornach 1991 - ISBN 3 925 193 07

Executado pela:
João de Barro Editora Ltda
Rua da Fraternidade n° 156
04738-020 - São Paulo – SP

Iª Edição
agosto de 2013

Tradução:
SONIA OITICICA

Revisão:
RUTH SALLES

Projeto Gráfico:
GISELA MOTTA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Burkhard, Ursula

Karlik : encontros com um ser elemental /
Ursula Burkhard ; tradução Sonia Oiticica. --
São Paulo : João de Barro Editora, 2013.

Título original: Karlik : Begegnungen mit einem Elementarwesen.

I. Ocultismo I. Título

13-07609

CDD-133

Índices para catálogo sistemático:

I. Ocultismo 133

KARLIK

ENCONTROS COM UM SER ELEMENTAL

Ursula Burkhard

TRADUÇÃO

Sonia Oitica



EDITORA
João de Barro

PREFÁCIO

Em seu livro *Teosofia*¹, Rudolf Steiner fala da multiplicidade de seres que existem no ambiente humano, mas que não podem ser percebidos pelos sentidos. Ele diz:

“Aqueles que possuem, porém, a capacidade de vidência espiritual percebem esses seres e podem descrevê-los. Tudo o que os videntes do mundo espiritual descrevem como salamandras, sílfides, ondinas e gnomos pertence à classe mais baixa desses seres. Não seria necessário dizer que tais descrições não podem valer como reproduções fundamentais de sua realidade. Se elas fossem assim, o mundo que se refere a elas não seria espiritual, mas grosseiramente sensorial. Elas são ilustrações de uma realidade espiritual que só se deixa representar dessa maneira, através de símiles. É totalmente compreensível que

1. STEINER R., GA 9, SP, Ed. Antroposófica, 7^a.ed., 2004.

alguém que admita apenas a imagem sensorial considere tais seres como produtos de fantasia vã ou superstição. É claro que eles nunca são visíveis para a visão sensorial, pois não possuem corpo material. A superstição não está em considerar esses seres como realidade, mas em acreditar que eles apareçam sob forma material. Seres desse tipo atuam na construção do mundo, e alguém pode encontrar-se com eles assim que palmilhar os mundos mais elevados, vedados aos sentidos materiais. Não são supersticiosos os que veem, em tais descrições, imagens de realidades espirituais, mas sim aqueles que acreditam na existência material das imagens e também aqueles que negam o espírito por julgarem ter de negar a imagem sensorial.”

O apóstolo Paulo escreve na *Epístola aos Romanos*, capítulo 8, versículo 19: “Porque a ansiosa expectativa da criatura aguarda a manifestação dos filhos de Deus.”

Só o substancial na natureza pode esperar com ansiedade. Será que seres como gnomos, ondinas, sílfides e salamandras também se incluem entre as criaturas que esperam pelo manifestado?

IMAGEM E SER

E lá está ele agora em cima da mesa, diante de mim, palpável como uma pequena figura de cera. Se outras pessoas chegarem e o virem, dirão: “Isso é um gnomo.”

Eu deveria ficar muito contente por terem as pessoas reconhecido o que eu tentei modelar. O encontro com um gnomo verdadeiro estimulou-me a isso. Mas há ainda algo insatisfatório, difícil de ser dito em palavras. A constatação “Isso é um gnomo” faz com que o ser elemental fique firmemente delimitado em nosso mundo e torna a figura de cera definitiva. Assim, da contemplação, também surgem perguntas tais como: “Na realidade, ele é grande ou pequeno? No encontro com ele, você teve uma sensação semelhante ao leve roçar de uma mosca?”

Na verdade, ele não é grande, nem pequeno, nem é absolutamente mensurável. Também não é visível aos olhos, nem palpável com as mãos. Por

isso, ele também não pode roçar-me como uma mosca, se bem que ele goste de provocar as pessoas. Minha pele não pode sentir, nem ser roçada por algo que não exista materialmente. Na verdade, ele não pode ficar tão bem 'plantado' em cima da mesa; ele não ocupa lugar algum e não está assentado em lugar algum. Jamais posso representá-lo tal como é na realidade.

E por que tentei moldá-lo, apesar disso? É a pergunta que me fazem as visitas quando olham minhas figuras de cera e, muitas vezes, também me pergunto o mesmo.

Tal como uma imagem ou um gesto, a figura diante mim sobre a mesa indica o ser "gnomo". Ela é a expressão de uma vivência minha, de meu encontro com ele. Mas, para as outras pessoas, essa figura não pode substituir o que se percebe nela de específico. Quem percebe um ser vivente ou um objeto por meio dos sentidos exteriores e, além disso, forma pensamentos corretos, chega a conceitos claros. No entanto, quem experimenta a mesma coisa com figuras de seres elementais tem uma ideia errada de um mundo que é como que

feito de substâncias sutis se comparadas com o mundo exterior. O mundo representado assim é fantasioso, e não espiritual.

A figura que, como uma imagem ou um gesto, indica o ser “gnomo”, e que é a expressão de meu encontro com ele, transmite ao observador imparcial uma disposição de espírito, uma sensação nova. Eu poderia falar sobre um gnomo, ao invés de modelá-lo. Mas, também assim, não seria possível uma narração de sua natureza específica, eu teria de falar por meio de descrições aproximadas. Nossa linguagem se presta mais à descrição do mundo exterior, visível. As vivências anímicas, próprias de um mundo interior, invisível, muitas vezes só podem ser relatadas em sentido figurado. Muitas vezes, nem sentimos mais as figuras de linguagem tal como são, de tanto que se tornam corriqueiras. Alguém está sofrendo como se tivesse uma pedra em seu coração; mas para o peso que o oprime não há balança, e também não é mensurável o alívio que se sente depois da depressão. Os olhares e gestos, o tom da voz, a interrupção da fala, uma pausa mais longa ou a mudez eloquente talvez comuniquem o

que não consegue ser dito por figuras de linguagem ou por descrições aproximadas. E então pode acontecer que o ouvinte tome a mão daquele que silenciou e compreenda o indizível de tudo, que aponta para isso como um quadro. Não é com o intelecto que ele entende, mas sim quando tenta compreender os sentimentos dos outros.

Podemos imaginar que acontece algo semelhante no encontro com os seres elementais, a empatia na compreensão dos misteriosos acontecimentos da natureza. Essa empatia pode tornar-se tão forte que chega a se condensar numa espécie de retrato e indicar algo real. Quem procura vivenciar repetidamente essas primeiras impressões fugazes e assim harmonizar-se com o encontro mais profundo com a natureza, chega aos poucos ao ser, partindo do retrato do real. Somente um grande amor e dedicação podem levar a essa meta.

Um garoto de sete anos presentiu o que estou tentando descrever. Eu lhe havia dado de presente uma figura de cera que representava um homenzinho-silvestre do pântano. Ele conversava muitas vezes com o gnomo e um dia explicou à

mãe: “Sabe, Mamãe, isto é apenas uma figura. O anão verdadeiro está dentro, nós não o vemos.” Por meio da imagem, a criança se harmonizou com aquilo que vive invisivelmente dentro ou por trás da imagem.

É difícil para adultos fazer com tal naturalidade a distinção entre a imagem e o ser. Pôr-se em harmonia – eles não gostam. Preferem informar-se rapidamente e classificar na já existente concepção do mundo a informação recebida superficialmente. Deveríamos cultivar diariamente a percepção compreensiva. Ela se torna uma força em nós, como algo vivo em crescimento, próxima ao reino invisível da natureza, e pode por isso nos conduzir a um encontro com as realidades ocultas.

POSSIBILIDADES DE ENCONTRO

Há diversas possibilidades de encontro com os seres elementais. Seguindo os ensinamentos de Rudolf Steiner, gostaria de dividi-las em três graus, mas relatá-las da maneira como me foram possíveis até agora, de acordo com minha própria capacidade subjetiva de vivência. Quem, como eu, está ainda no princípio do caminho, só pode mesmo falar dos primeiros passos e assim encorajar outras pessoas a buscarem as próprias experiências.

I. Imaginação

A imagem de um ser é, em mim, uma vivência anímica da qual eu mesma ainda participo fortemente. Quanto mais aprendo, desinteressadamente, a me compenetrar do ser, tanto mais a imagem perde seu caráter subjetivo. Então, ela passa a refletir o ser cada vez mais claramente, desaparecem os traços